

O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO CONSTRUCIONISTA SOCIAL NA OBRA DE KENNETH GERGEN^{1 2}

Emerson Fernando Rasera ^{3 4}, Orcid <https://orcid.org/0000-0001-6289-2313>
Mary Jane Spink ^{5 6}, Orcid <https://orcid.org/0000-0003-1672-505X>

RESUMO. Kenneth Gergen é um dos principais articuladores de um discurso construcionista social em psicologia. Apesar de sua importância na difusão do construcionismo social, há uma escassez de estudos sobre a elaboração de seu pensamento atual. Nesse sentido, analisar o processo de formação do projeto construcionista na obra de Kenneth Gergen permite desnaturalizar o que seja o construcionismo social, bem como, responde à necessidade de levar a sério suas críticas e propostas. Assim, o objetivo deste estudo é analisar o desenvolvimento do projeto construcionista social na obra de Kenneth Gergen. Metodologicamente, buscamos rastrear o processo de construção teórica, as ampliações e supressões dos conceitos presentes nos principais textos do autor. A análise realizada permitiu caracterizar momentos significativos de sua obra, tais como: a) os trabalhos iniciais; b) a crítica ao empiricismo; c) o movimento construcionista social; e d) em direção à ciência como performance e às práticas relacionais. Além disso, apontou como a ênfase no relacionamento redimensiona o projeto construcionista social ao longo da obra, sustentada por questionamentos em três campos significativos: o papel da ciência; o status do social e a definição de *self*. O exercício analítico realizado explicita a complexidade do pensamento de Kenneth Gergen e situa o projeto construcionista no contexto de uma obra ainda em desenvolvimento.

Palavras-chave: Construcionismo social; teoria; Kenneth J. Gergen.

THE DEVELOPMENT OF THE SOCIAL CONSTRUCTIONIST PROJECT IN THE WORK OF KENNETH GERGEN

ABSTRACT. Kenneth Gergen is one of the main voices of the social constructionist discourse in Psychology. Despite his importance in the dissemination of social constructionism, there is a shortage of studies on the elaboration of his thought. In this sense, analyzing the formation process of the constructionist project in the work of Kenneth Gergen would allow us to denaturalize what social constructionism is, as well as respond to the need to take seriously its criticisms and proposals. Thus, the objective of this study is to analyze the development of the social constructionist project in the work of Kenneth Gergen. Methodologically, we seek to track the process of theoretical construction, the extensions and suppressions of the concepts present in the main texts of the author. The analysis made it possible to characterize significant moments of his work, such as: a) the initial works; b) criticism of empiricism; c) the social constructionist movement; and d) toward science as performance and relational practices. In addition, it pointed out how the emphasis on

¹ Editor de seção: Lucas Martins Soldera

² Apoio financeiro: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

³ emersonrasera@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, Brasil.

⁵ mjpspink@gmail.com

⁶ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo-SP, Brasil.



relationships reconfigures the social constructionist project, sustained by questioning in three significant fields: the role of science, the status of the social, and the definition of self. The analytical exercise carried out explains the complexity of Kenneth Gergen's thinking and contextualizes the constructionist project within a work still under development.

Keywords: Social constructionism; theory; Kenneth J. Gergen.

EL DESARROLLO DEL PROYECTO CONSTRUCCIONISTA SOCIAL EN LA OBRA DE KENNETH GERGEN

RESUMEN. Kenneth Gergen es uno de los principales articuladores de un discurso construcionista social en Psicología. A pesar de su importancia en la difusión del construcionismo social, hay una escasez de estudios sobre la elaboración de su pensamiento. En ese sentido, analizar el proceso de formación del proyecto construcionista en la obra de Kenneth Gergen permitiría desnaturalizar lo que sea el construcionismo social, así como, respondería a la necesidad de tomar seriamente sus críticas y propuestas. Así, el objetivo de este estudio es analizar el desarrollo del proyecto construcionista social en la obra de Kenneth Gergen. Metodológicamente, buscamos rastrear el proceso de construcción teórica, las extensiones y supresiones de los conceptos presentes en los principales textos del autor. El análisis realizado permitió caracterizar momentos significativos de su obra, tales como: a) los trabajos iniciales; b) la crítica al empirismo; c) el movimiento construcionista social; y d) hacia la ciencia como performance y las prácticas relacionales. Además, señaló cómo el énfasis en la relación reconfigura el proyecto construcionista social, sostenido por cuestionamientos en tres campos significativos: el papel de la ciencia; el estatus de lo social; y la definición de self. El ejercicio analítico realizado explicita la complejidad del pensamiento de Kenneth Gergen y contextualiza el proyecto construcionista en el contexto de una obra aún en desarrollo.

Palabras clave: Construcionismo social; teoría; Kenneth J. Gergen.

Introdução

Kenneth Gergen é um psicólogo americano que tem sido identificado como um dos principais articuladores de um discurso construcionista social em psicologia (Burr, 1995; Hibberd, 2005). O construcionismo social pode ser descrito como um movimento intelectual no campo da psicologia que sustenta uma perspectiva social do processo de produção de conhecimento (Guanaes-Lorenzi et al., 2014; Spink, 1999). Pautado em críticas sociais, ideológicas e retórico-literárias sobre os modos tradicionais do fazer científico, o construcionismo propõe uma ênfase socio-histórica para a análise dos processos de produção do conhecimento e afirma o caráter performático e a natureza relacional da linguagem em seu impacto na construção da realidade (Gergen, 1994).

Uma análise de sua obra permite desnaturalizar o que seja o construcionismo social. O rastreamento do percurso de Gergen mostra diferentes momentos e ênfases, aproximações e distanciamentos em relação ao construcionismo social. A compreensão desse movimento teórico permitirá melhor definir como se deu a construção do seu projeto construcionista. A opção pela expressão ‘projeto construcionista’ busca ressaltar tanto o caráter dinâmico e em aberto de sua obra, como reconhecer a particularidade que o construcionismo assume a partir de seus textos, diferenciando-o de várias outras propostas no conjunto heterogêneo do construcionismo em psicologia.

Além disso, analisar o processo de construção do projeto construcionista na obra de Kenneth Gergen responde à necessidade de levar a sério suas críticas e propostas. Numa

perspectiva teórica, o próprio Gergen apontava como o furor crítico no período da ‘crise da psicologia social’ foi arrefecendo e muitas questões deixaram de ser analisadas (Gergen, 1982). Ao mesmo tempo, em decorrência de uma diversidade de perspectivas sobre o construcionismo social, e das maneiras burocráticas e competitivas de organização das relações na comunidade científica, tal esforço crítico se converteu numa retórica de contraposição e embate (Shotter & Lanammann, 2002), e por vezes, pouco se promoveu o mútuo entendimento e o aprofundamento da proposta de cada um de seus autores.

Somando-se a isso, o investimento no desenvolvimento de práticas inspiradas pelo construcionismo nos diversos campos de atuação profissional no momento mais recente das obras de Gergen (2009), se por um lado estimulou a difusão das ideias construcionistas e potencialmente contribuiu para a transformação da vida cotidiana, por outro, colocou em segundo plano a ênfase em uma análise teórico-conceitual. Nesse sentido, no contexto brasileiro, o crescimento das publicações nos últimos anos, sua distribuição em diversos periódicos nacionais, associada à grande dispersão da produção em instituições universitárias; o surgimento de alguns grupos de pesquisa e institutos de formação profissional; além de eventos específicos para o debate sobre o construcionismo social, mostraram como o movimento está em fase de expansão na comunidade da Psicologia (Rasera et al., 2019). Contudo, ao mesmo tempo, com algumas importantes exceções, o crescimento do uso do construcionismo social no Brasil nem sempre esteve associado a uma aprofundada reflexão teórico-metodológica.

Assim, seja da perspectiva da produção teórica, seja das relações sociais da comunidade construcionista, a análise do como se construiu o projeto construcionista pode vir a enriquecer de forma significativa o processo de produção de conhecimento nessa área, bem como, sua aplicação em diferentes especialidades da Psicologia.

Dessa forma, o objetivo geral deste estudo é analisar o desenvolvimento do projeto construcionista social na obra de Kenneth Gergen. Especificamente, buscaremos: a) produzir uma narrativa historicamente sensível sobre o processo de elaboração do projeto construcionista; e b) analisar criticamente algumas tensões presentes no argumento construcionista ao longo dos diferentes textos de Kenneth Gergen rumo a novos desenvolvimentos teóricos.

Metodologicamente, esse estudo se baseia nas reflexões construcionistas sobre o fazer científico (Gergen, 1994, 1999, 2009). Considerando a crítica à ciência psicológica empiricista, ahistórica e universalizante, Gergen redescritiva o papel da ciência e aponta que ela envolve tanto a sustentação de inteligibilidades que facilitem a coordenação da ação humana, quanto a promoção de uma desestabilização das convenções a partir de uma crítica interna e cultural. Nesse estudo, buscamos desenvolver a crítica interna tal qual proposta por Gergen (1994). Ela se refere à avaliação e reflexão por parte dos pesquisadores de suas descrições do real e é facilitada pelo desenvolvimento de uma postura de desconstrução, a qual permite explicitar o caráter construído das coisas, e suspeitar da autoridade e transcendência de qualquer descrição (Gergen, 1994).

Em especial, esse exercício analítico se aproxima do que Gergen identificou como a ‘crítica retórico-literária’ em ciência, a qual explicita como as descrições científicas são delimitadas pelas regras da escrita em ciência, e como seu poder persuasivo se deve ao uso de determinadas formas de apresentação. Metodologicamente, não há um conjunto de procedimentos operacionais específicos a serem realizados, determinados de forma apriorística. Influenciada pela análise do discurso, a tarefa do analista é observar as metáforas utilizadas, as construções narrativas, as estratégias retóricas, o desenvolvimento dos conceitos, suas ampliações e supressões, presentes no conjunto de textos estudados

(Gergen, 1999). Assim, a análise não busca a descrição mais verdadeira ou acurada sobre o desenvolvimento do argumento de Kenneth Gergen, mas tem como objetivo promover um ‘diálogo antifundacional’ no qual a ênfase está “[...] na matriz sócio discursiva da qual emerge o conhecimento e de onde deriva sua justificativa” (Gergen, 1996, p. 77).

Nesse processo de análise, buscamos inicialmente identificar momentos significativos de sua trajetória intelectual para então apontar, brevemente, algumas questões que atravessam o desenvolvimento do projeto construcionista na obra de Kenneth Gergen.

Momentos significativos de sua trajetória intelectual

Rastrear o percurso acadêmico de um autor contribui para entender a materialidade de sua produção, o contexto social no qual está inserida, e o modo como se desenvolvem suas contribuições teóricas. Kenneth Gergen fez sua graduação na Universidade de Yale (1953-57) e o doutorado na Universidade Duke (1959-62). Após passar quatro anos como Professor Assistente de Psicologia Social na Universidade de Harvard (1963-1967), se estabelece, em 1967, como Professor no Departamento de Psicologia no Swarthmore College, ao qual permanece vinculado até os dias atuais. Ao longo de 50 anos de carreira, publicou 38 livros (entre obras próprias e organização de coletâneas) e aproximadamente 530 textos, entre artigos, capítulos de livro, prefácios e comentários em uma obra que continua em expansão.

Apesar da importância de Kenneth Gergen na articulação e difusão do construcionismo social, há uma escassez de estudos sobre suas propostas teóricas e o desenvolvimento de seu pensamento, o que aponta para a relevância e os desafios para a análise de sua obra. Em uma tentativa de nos aproximarmos das transformações de suas contribuições ao longo dos anos, e a despeito de não haver periodizações sobre sua obra disponíveis na literatura, podemos arriscar a identificação de momentos significativos de sua trajetória intelectual, considerando os principais debates promovidos na comunidade científica.

A busca por delimitar alguns momentos de sua obra não corresponde à descrição de momentos claramente delimitados do seu pensamento, em que se mostra a superação de certos conjuntos de ideias. Esse alerta é importante em um duplo sentido: seja porque a obra do autor não apresenta viradas significativas que permitam facilmente assim designá-las, seja porque seus temas e preocupações se desenvolvem de forma espiral, sendo retomados e a eles agregados novos sentidos, em um processo ainda em desenvolvimento.

Contudo, a tentativa de identificar alguns marcadores históricos responde à proposta de Gergen de tomarmos a psicologia social como história e da necessidade de uma sensibilidade pautada pela “[...] inter-relação entre eventos dentro de longos períodos de tempo” (Gergen, 1973, p. 319). A partir desse entendimento, e do alerta anterior, podemos apontar momentos significativos na obra do autor, tais como: a) os trabalhos iniciais (até 1973); b) a crítica ao empiricismo em psicologia (de 1973 a 1985); c) o movimento construcionista social (1985 até 2000); d) em direção à ciência como performance e às práticas relacionais (após 2000).

Os trabalhos iniciais

No início de sua carreira, Gergen atuava como um psicólogo social experimental, investigando temas variados, com especial ênfase na construção do self e nos padrões de relações interpessoais, incluindo estudos sobre auto apresentação, personalidade e interação social, atração social, conformidade, comportamento pró-social, comparação

social, entre outros. Nesse período, além de vários artigos, publicou *The psychology of behavior exchange* (Gergen, 1969), e *The concept of self* (Gergen, 1971).

Já nesses trabalhos iniciais, Gergen questionava os pressupostos de um self coerente, unificado e estável, analisando as formas de apresentação pessoal e seus determinantes interpessoais. Ao mesmo tempo, fazia uma análise social do ciclo de vida, especialmente do envelhecimento (Gergen & Back, 1966). Essas preocupações sobre o self e o relacionamento social estarão sempre presentes na obra do autor, que as retomará em trabalhos posteriores.

Nesse período, é possível visualizar claramente sua origem como psicólogo social experimental, discutindo diferentes experimentos sobre comportamento social desenvolvidos por ele e/ou por outros pesquisadores. É importante destacar que é a partir de sua inserção nessa comunidade e de uma análise de seus impasses que o autor produzirá a crítica e a proposta de uma mudança na psicologia social. O capítulo final de *The psychology of behavior exchange* (Gergen, 1969) já aponta claramente algumas críticas que serão desenvolvidas no período posterior e contribuirão para a tese da psicologia social como história.

A crítica ao empiricismo em Psicologia

Em 1973, Gergen publica, talvez, seu texto mais polêmico, o artigo *Social psychology as history* (Gergen, 1973), no *Journal of Personality and Social Psychology*. Típico de seu modo de escrever, esse ensaio teórico já apresenta uma retórica crítica, um argumento sustentado em amplo domínio do campo psicológico, com citações de autores e obras variados, e claramente estruturado em temas e subtemas. Trata-se de um texto seminal cujas ideias serão aprimoradas ao longo da obra do autor. Segundo o próprio Gergen, “A tese de psicologia social como história pode ser vista como um primeiro passo em direção ao construcionismo” (Aceros, 2012, p. 1004).

Nesse texto, o autor busca demonstrar que a psicologia social é principalmente uma investigação histórica. Diferentemente das ciências naturais, ela lida com fatos que são em grande medida irrepitíveis e se alteram ao longo do tempo. “[...] O conhecimento não pode ser acumulado, no sentido científico usual, porque tal conhecimento geralmente não transcende seus limites históricos” (Gergen, 1973, p. 310).

Na maior parte do artigo, Gergen discute o impacto da ciência no comportamento social e a inevitável inserção histórica das teorias psicológicas. Ele busca criticar o pressuposto de que a ciência é cumulativa, a suposta independência entre o observador e o observado e a alegada neutralidade do conhecimento. De um lado, ele mostra como as teorias psicológicas modificam os padrões de comportamento que elas pretendem explicar, seja pelo viés prescritivo da teoria psicológica, pela liberação comportamental promovida pelo conhecimento das teorias psicológicas, ou pela resistência promovida frente ao poder preditivo de teorias bem estabelecidas. Por outro lado, defende que os princípios teóricos da psicologia estão fortemente vinculados a circunstâncias históricas, analisando os estudos sobre ativismo político, dissonância cognitiva, e esquemas de reforço.

Finaliza o texto, descrevendo algumas implicações para uma ciência histórica do comportamento social, quais sejam: a necessária integração entre pesquisa pura e pesquisa aplicada; a substituição da predição do comportamento pela sensibilização quanto à amplitude de ocorrências possíveis; a importância do desenvolvimento de uma tecnologia dos indicadores sociais psicologicamente sensíveis; o valor de métodos de pesquisa que permitam discernir a durabilidade relativa dos fenômenos sociais, localizando-os em um ‘continuo de durabilidade histórica’; a busca por uma compreensão interdisciplinar, e a

sustentação da ideia que “[...] a pesquisa em psicologia social é fundamentalmente o estudo sistemático da história contemporânea” (Gergen, 1973, p. 319).

Considerando o *mainstream* da psicologia social naquela época, especialmente, o contexto americano no qual Gergen estava inserido, as críticas foram impactantes. Dado o caráter metateórico de seu argumento e a diversidade de implicações dele decorrentes, diferentes autores debateram, num ciclo de críticas e respostas, aspectos específicos de suas propostas. De forma geral, as ideias apresentadas ampliaram a chamada ‘crise da psicologia social’ (Ibáñez & Íñiguez, 1997).

As críticas não fizeram Gergen esmorecer. Ele amplia e aprofunda a discussão anterior, explorando os impasses do teste de hipóteses, do experimento controle, da linguagem descritiva em ciência, e de todo o significado da pesquisa empírica em psicologia, no livro *Toward transformation in social knowledge* (Gergen, 1982). A partir da crítica a uma visão da ciência como representação da realidade, pautada em valores de acurácia e verdade, ele enfatiza a importância de se pensar em uma teoria generativa (Gergen, 1978, 1982), voltada ao questionamento de pressupostos comuns de modo a possibilitar novas formas de ação.

Ao final, na busca de construir uma nova ciência, uma alternativa ao modelo empiricista, ele aponta, naquele momento, para o que chamou de ‘sociorracionalismo’. Segundo Gergen, o sociorracionalismo é uma metateoria que:

Em contraste a uma posição empiricista, encontramos uma metateoria que identifica o lócus do conhecimento não nas mentes dos indivíduos, mas na coletividade. Não são os processos internos dos indivíduos que geram o que consideramos conhecimento, mas os processos sociais de conhecimento. É no interior do processo de intercâmbio social que a racionalidade é gerada. [...] Dentro do paradigma emergente, o conhecimento é uma criação em comum (Gergen, 1982, p. 207).

A proposição de um sociorracionalismo se encontra, de forma embrionária, nas últimas páginas do livro e parece apontar para uma transição de um momento fortemente marcado por uma retórica de contraposição para um discurso da construção. Há que se atentar, contudo, para a ênfase em uma discussão sobre a produção do conhecimento (em um olhar pautado em categorias como teorias e metateorias) combinada com uma atenção incipiente sobre a linguagem e uma preocupação tímida com a mudança social, as quais ganharão relevância em momentos posteriores.

O movimento construcionista social em psicologia

Alguns anos mais tarde, em 1985, Gergen publica *The social constructionist movement in modern psychology*, na *American Psychologist*. Resgatando as discussões já apontadas anteriormente, ele retoma a discussão do sociorracionalismo, e a amplia oferecendo uma nova designação. Para além da afirmação de uma metateoria, de forma mais abrangente, ele nomeia seus esforços teóricos como fazendo parte de um movimento, o movimento construcionista social. Retoricamente, Gergen deixa de estar numa posição voltada à crítica do status quo e claramente se afirma numa proposta abrangente de como produzir conhecimento em psicologia voltado à transformação social.

Nesse momento, ele define o construcionismo como uma forma de investigação social que “[...] preocupa-se principalmente em explicar os processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam ou dão conta do mundo (incluindo elas mesmas) no qual vivem” (Gergen, 1985, p. 266). Nesse mesmo artigo, ele apresenta algumas características centrais de uma perspectiva construcionista do conhecimento. Rasera e Japur (2001, p. 202) as resumem em:

1. As descrições do mundo não guardam correspondência com uma realidade situada para além das formas de dizê-la, mas são elas próprias maneiras de construção desta realidade.
2. As descrições sobre o mundo são resultado da coordenação da ação humana, ou seja, dos significados construídos em relacionamentos. Estas descrições são produtos de trocas historicamente situadas entre as pessoas. Desta maneira, a possibilidade lógica de inúmeras formas de descrição. A descrição da realidade é limitada pelas condições concretas das construções histórico-culturais dos sistemas de significação.
3. A permanência de determinadas descrições do mundo ao longo do tempo depende das vicissitudes dos processos sociais de negociação, comunicação, conflito e consenso, existentes em uma comunidade linguística, e não de sua validade objetiva.
4. Determinadas ‘comunidades de inteligibilidade’ podem produzir avaliações a respeito da credibilidade e aceitabilidade de certas afirmações a partir dos relacionamentos que as constituem. Contudo, os critérios de validade aí existentes não possibilitam a autoavaliação, nem a avaliação do impacto de certos conjuntos de afirmações em outras comunidades próximas. Faz-se necessário, então, avaliar criticamente as diversas inteligibilidades a partir de uma outra posição, explorando seu impacto na cultura. A partir do momento que tais avaliações possam ser absorvidas pelas comunidades, novas formas de diálogo entre diferentes comunidades serão produzidas.

Feita a descrição dos pressupostos de uma orientação construcionista, Gergen busca apresentar uma narrativa sobre a origem do construcionismo social, identificando múltiplas raízes em diferentes autores e conjuntos de conhecimentos. Dessa forma, mais do que se situar como autor original de uma proposta teórica, ele define o construcionismo como um movimento, se colocando como um de seus articuladores e divulgadores. Da mesma forma, antecipa algumas críticas e oposições às contribuições dessa forma de pensar a produção do conhecimento em Psicologia.

Contribuindo para a afirmação de um discurso construcionista, Gergen publica o livro *The saturated self* (Gergen, 1991) no qual analisa as condições sociais de emergência dos discursos romântico e moderno sobre o self, apontando para a historicidade das formas de concebermos o self. Nesse contexto, analisa o mundo pós-moderno, marcado pelas multiplicidades de interconexão entre diferentes culturas, ampliação da rede de relacionamentos e consequentes conflitos e obrigações morais.

Apesar do sucesso do livro e da ampla difusão do construcionismo, em 1994, no prefácio da segunda edição do livro *Toward transformation in social knowledge*, Gergen reflete sobre o impacto anterior de seu trabalho e mostra-se desencantado com os psicólogos que se juntaram inicialmente à crítica de uma psicologia empiricista e individualizante, mas que, logo em seguida, voltaram às práticas tradicionais de pesquisa, não levando adiante a reflexão proposta pelo construcionismo.

Nesse mesmo ano, Gergen publica *Reality and relationships, soundings in social construction* (Gergen, 1994). Esse livro, em sua maior parte, é uma coletânea de textos revistos e aprimorados de apresentações anteriores do autor, no qual ele desenvolve reflexões sobre a crise de representação e a emergência do construcionismo social, o discurso do déficit e a patologização da vida, a noção de objetividade como um empreendimento retórico, a redescrição do self e das emoções como relacionais, o conceito de mudança narrativa no contexto terapêutico, e apresenta uma teoria rudimentar do significado. Em dois capítulos desse livro, ele se dirige diretamente aos seus críticos, identificando e oferecendo respostas aos principais questionamentos endereçados ao construcionismo social. De forma pontual, eles se referem: ao lugar da experiência pessoal; à definição do real; ao relativismo ontológico; ao relativismo moral; ao relativismo conceitual; ao problema do progresso científico; ao perigo de elitismo e à definição de

mudança. Nesse livro, ele avança na construção de uma redescrição relacional dos vocabulários psicológicos, ampliando sua teorização sobre o lugar da linguagem na construção da realidade. Ao mesmo tempo, apesar de se voltar à Academia, e desenvolver várias análises teóricas, ele já começa a trazer questões relativas ao campo das práticas profissionais.

Nesse sentido, na segunda parte desse período, parece haver uma preocupação com a expansão do construcionismo social para além dos círculos acadêmicos, identificada por dois processos: a publicação de livros voltados a estudantes e profissionais e a criação do Instituto Taos. Vários textos de Gergen apresentam um estilo erudito, pressupondo do leitor um vasto conhecimento da área e dificultando seu entendimento fora dos círculos acadêmicos. A partir do final da década de 1990, ele começa a publicar livros como *An invitation to social construction* (Gergen, 1999), no qual as ideias presentes no livro *Reality and relationships, soundings in social construction* (Gergen, 1994) são descritas de forma menos erudita e com vários exemplos cotidianos, visando seu entendimento por uma comunidade leiga.

O Instituto Taos foi fundado em 1993, por Harlene Anderson, David Cooperrider, Mary Gergen, Kenneth Gergen, Sheila McNamee, Suresh Srivastva e Diana Whitney, e tem sua missão voltada à “[...] exploração, desenvolvimento e difusão de ideias e práticas que promovam processos criativos, apreciativos e colaborativos em todos os aspectos da sociedade e em todo o mundo [...]”, por meio do “[...] desenvolvimento de maneiras pelas quais pesquisas acadêmicas e práticas profissionais possam significativamente enriquecer uma à outra” (Taos Institute, n.d.). A criação desse Instituto valoriza os saberes e as preocupações de profissionais de diferentes áreas, ao mesmo tempo em que catalisa uma versão aplicada e pragmática do construcionismo que se desenvolverá nos anos seguintes.

Em direção à ciência como performance e às práticas relacionais

Ao longo dos anos 2000, esse olhar para além do mundo da pesquisa, interessado na divulgação do construcionismo social entre estudantes e profissionais, parece se consolidar. De um lado, Gergen publica livros que permitem localizar os principais autores e ideias que contribuíram para sustentar a proposta construcionista social (Gergen & Gergen, 2003), bem como oferecem um texto introdutório sobre as principais ideias e aplicações do construcionismo (Gergen & Gergen, 2004). Além disso, mais publicações se dirigem aos interesses dos psicólogos profissionais. Na década de 1990, Gergen já havia organizado dois livros explorando questões da prática profissional: *Therapy as social construction* (Mcnamee & Gergen, 1991), voltado às questões das diferentes formas de atuação clínica influenciadas pelo discurso construcionista social e *Management and organization: relational alternatives to individualism* (Hosking et al., 1995), dedicado a pensar novos fazeres no trabalho em instituições e organizações. A partir de 2000, essa busca de aproximação com os contextos clínicos e organizacionais ganha fôlego com a publicação de outros livros como *Therapeutic realities, collaboration, oppression and relational flow* (Gergen, 2006) e *The Appreciative Organization* (Anderson et al., 2008).

No campo da clínica, são apresentados e explorados conceitos e práticas decorrentes da terapia narrativa, dos processos reflexivos e da abordagem colaborativa. Curiosamente, os escritos de Gergen acabam por dar sustentação epistemológica para uma série de inovações que ocorriam no campo da psicoterapia naquele momento. São analisadas, então, as implicações do pensamento construcionista para a definição do problema e mudança em psicoterapia, assumindo o caráter socialmente construído da linguagem, bem como seu poder performático e construtor da realidade terapêutica.

Questiona-se, de forma crítica, o lugar e a função dos diagnósticos em saúde mental; revê-se o papel do terapeuta e seus modos de se relacionar com os clientes (Gergen, 2006, 2007).

No campo organizacional, são exploradas as potencialidades de conceitos como liderança relacional e investigação apreciativa. A liderança relacional consiste numa crítica à noção da liderança como provindo de um indivíduo, de seus conhecimentos e habilidades pessoais, para uma perspectiva na qual a liderança se dá por meio de diálogos entre diferentes pessoas sendo, assim, pertencente a uma rede de relacionamentos; ao modo de funcionamento de uma comunidade. Já a investigação apreciativa propõe uma abordagem focada nos recursos e nas potencialidades futuras dos sistemas humanos. Assim, em vez de explorar os problemas, buscam-se os sonhos e as metas dos grupos. A partir de uma metodologia própria, a investigação apreciativa convoca seus participantes a resgatar os melhores momentos do grupo, identificar seus recursos, compartilhá-los e promovê-los no processo de mudança organizacional (Anderson et al., 2008).

Essas contribuições para a prática se ampliam na década seguinte envolvendo também o campo da educação (Dragonas et al., 2015; Gergen & Gill, 2020). Por meio de uma abordagem ampla, discute-se propostas dialógicas, apreciativas e relacionais para o processo ensino-aprendizagem, bem como, para as mudanças das instituições escolares. De forma significativa, há uma crítica à ‘tirania da testagem’, da prova, da mensuração, da padronização, e de uma visão da escola como fábrica, e a defesa de uma avaliação relacional, colaborativa e participativa, baseada na ideia da educação como bem social, e da escola como uma ‘miríade de conversas em andamento’.

Nesses três campos, Gergen atua como um fomentador do debate e um articulador. Eses livros, em geral, são coletâneas de textos com vários autores organizados por Gergen e outro colaborador. Apesar dele não atuar tradicionalmente como profissional dessas áreas, nem ser um pesquisador específico dessas temáticas, Gergen promove análises teóricas sobre certos aspectos dessas práticas. Ele acaba, assim, por colaborar na construção de um discurso construcionista sobre diferentes práticas profissionais, denominadas por ele como ‘práticas relacionais’ (Gergen, 2009).

Essa busca pela prática têm um fundamento na própria concepção construcionista de ciência. Gergen insiste em continuar a repensar o lugar da pesquisa e da produção do conhecimento. Cada vez mais se distancia da concepção do conhecimento como representação e aposta em seu caráter performático e transformador. Apontando a insuficiência de descrever os sentidos sobre o mundo – tal como definia ser o foco das investigações construcionistas no período anterior a *The social constructionist movement in modern psychology* –, Gergen defende que a pesquisa deve fundamentalmente criar novos mundos (Gergen, 2014).

Ele passa, então, a defender uma ciência social performática (Gergen & Gergen, 2012) pautada em três preocupações. Primeiro, entende que a ciência é apresentada (*performed*) para os outros e assim se torna importante refletir: Quem é o público? Que público é excluído? O que ganhamos se compararmos a comunicação em ciências sociais com o das artes em geral? Segundo, resgata o sentido de performance presente na teoria dos atos de fala de Austin, apontando que as palavras fazem coisas e constroem relacionamentos. A preocupação se volta ao que construímos com os modos tradicionais de escrever e falar em ciência. Em terceiro, chama a atenção para as habilidades estéticas presentes no fazer científico, nos atos de observar, entrevistar e relatar. Dessa maneira, Gergen se alinha a uma série de questionamentos presentes nas ciências sociais, ampliando sua crítica aos modos de fazer ciência, e abordando outros aspectos não

considerados anteriormente. No livro *Relational being*, Gergen realiza diferentes combinações retóricas e estilísticas: ora usa sua voz de acadêmico, ora uma mais afinada com a dos profissionais; ora traz relatos de experiências pessoais e de colegas; ora adiciona diferentes formas de arte, poesia e fotografia. É importante notar que não se trata apenas de uma crítica procedural mas, especialmente, um convite à análise das implicações éticas sobre a construção da ciência e suas relações com a sociedade.

Essa preocupação com a sociedade, com o outro que não são os pesquisadores, seja pela proposição de uma ciência performática, seja pela atenção às práticas profissionais, está também associada a uma redescrição do construcionismo como uma teoria relacional. Em 2009, Gergen publica *Relational being, beyond self and community* (Gergen, 2009). Nesse livro, Gergen busca criar uma descrição sobre a ação humana que privilegie o relacionamento ao invés do indivíduo, entendendo esse último como uma criação do primeiro. Em suas palavras “Minha esperança, ao contrário, é começar com uma descrição do processo relacional e daí derivar uma concepção da consciência individual” (Gergen, 2009, p. xxii). Apesar dessa proposta já estar presente no texto *Toward transformation in social knowledge* (Gergen, 1982), ela ganha novos conceitos como co-ação, coordenação da ação e ser múltiplo (multi-being), buscando imprimir uma ‘relacionalidade forte’ (Slife, 2004) à sua proposta, diferenciando-se de outras análises sociológicas e filosóficas sobre o ser social. Essas ideias são retomadas e exploradas em *The relational imperative* (Gergen, 2021), quando Gergen busca discutir por meio de uma linguagem mais acessível ao público, como responder aos desafios do mundo atual, seja no campo da educação, saúde, governança e solução de conflitos.

Ao longo de seu percurso, Gergen parece ampliar suas reflexões sobre o fazer científico para englobar, de forma mais geral, reflexões sobre a natureza humana e diferentes práticas sociais, revendo a própria forma de expressão científica e buscando contribuir para a criação de outras formas de vida comum.

Rumo à expansão da relationalidade: implicações para o Projeto Construcionista Social

A exploração de uma certa narrativa sobre o percurso da obra de Gergen torna possível reconhecer alguns dos principais temas de seus estudos e momentos significativos de sua produção, cada qual fornecendo a possibilidade de um estudo mais aprofundado. Contudo, para além dessa forma quase cronológica de conectar os escritos de Gergen, faz-se importante reconhecer questões que atravessam seus textos, e identificar como conceitos recentes produzem deslocamentos e redefinições que podem oferecer pistas na compreensão do desenvolvimento do projeto construcionista em sua obra, bem como, de seus potenciais desenvolvimentos futuros.

Uma das principais questões trazidas pelas publicações recentes de Gergen parece se articular em torno de uma expansão da relationalidade. Se a importância do intercâmbio social já era marcante desde suas primeiras publicações (Gergen, 1969), sendo reafirmada na proposição do construcionismo social (Gergen, 1985, 1994), ela parece ganhar uma nova dimensão nos escritos atuais (Gergen, 2009, 2021), com implicações significativas para os rumos do projeto construcionista social. Essa expansão parece trazer algumas implicações em três campos significativos: o papel da ciência; o status do social; e a definição de *self*.

Na obra de Gergen, a definição da ciência, seu modo de funcionamento e seus objetivos, ao mesmo tempo que são centrais, vão se reconfigurando ao longo do tempo. Assim, a partir de um olhar voltado às possibilidades de produção de conhecimento, Gergen

realiza uma crítica marcante sobre os pressupostos individualistas, empiricistas, universalizantes e a-históricos da psicologia (Gergen, 1973). Passa, então, a questionar as condições de desenvolvimento da autoridade científica e a se preocupar com o estabelecimento de uma orientação particular para o fazer em ciência, pautado pelo reconhecimento da inserção social e histórica das relações entre os pesquisadores e as teorias por eles produzidas (Gergen, 1985). Ele radicaliza tal orientação ao propor uma ciência social performativa que questiona não só os cânones da redação e apresentação científica, como os próprios limites e objetivos do conhecimento científico (Gergen & Gergen, 2012).

O desenvolvimento desse argumento sobre a ciência é central ao processo de constituição de um movimento construcionista na comunidade científica e parece fazer com que, paradoxalmente, levando às últimas consequências, se questione o status e a própria definição do construcionismo social. Diferente de suas obras anteriores, em *Relational being, beyond self and community* (Gergen, 2009), *Playing with purpose: adventures in performative social science* (Gergen & Gergen, 2012), e *The relational imperative* (Gergen, 2021), Gergen parece não estar explicitamente comprometido em desenvolver um discurso construcionista social. Ao invés de se referir a uma orientação/perspectiva/movimento construcionista, ele utiliza, com diferentes variações, a expressão teoria relacional. Curiosamente, em um texto de circulação entre os associados do Taos Institute, em 2011, ele escreve *Why I am not a social constructionist*, alertando para os riscos ontológicos e éticos de tal afirmação. Combinada com esse questionamento, está a busca em redimensionar seu texto de um ‘exercício teórico’ (Gergen, 2009) em direção a “[...] formas particulares de prática social” (Gergen, 2009, p. xviii). Assim, resta a pergunta: no desenvolvimento teórico sobre o lugar da ciência na sociedade, na obra de Gergen, haveria uma possível reorientação da afirmação de um construcionismo social como movimento científico, com marcadas preocupações teóricas, rumo a um modo de pensar sobre a relationalidade humana, como “[...] uma alternativa centrada no relacionamento” (Gergen, 2009, p. xv) focada nas práticas sociais?

Por outro lado, essa ênfase na relationalidade parece apontar para uma transformação do status do social no movimento construcionista social. Em *Social psychology as history* (Gergen, 1973), o social está relacionado com a necessária inserção dos conhecimentos nos períodos longos da história, de como a ciência se constrói sociohistóricamente e produz realidades sociais. Na definição do construcionismo social, Gergen (1994) aponta para a dimensão constituinte das práticas discursivas e discursos sociais, bem como destaca a importância de recontextualizações culturais e históricas na produção do conhecimento. Em *Relational being* e *The relational imperative* (Gergen, 2009, 2021), ele questiona ênfases comunitaristas que tomam a comunidade como entidade circunscrita tão problemática quanto sua contrapartida individual, o ser circunscrito (*bounded being*), e propõe que se transcendam ambas as tradições. Ele passa então a estimular a reflexão relacional a partir de metáforas sustentadas pela teoria sistêmica, da Teoria Ator-Rede, da cognição distribuída, da interdependência biológica, da filosofia processual e budista. Essas metáforas trazem distintas versões sobre o que se entende por relacional, ultrapassando a relação entre pessoas e incorporando também a relação com objetos/materialidades e outros animais, e afirmam a processualidade e a interdependência entre entidades e eventos no mundo. Portanto, a ênfase em direção à relationalidade implicaria numa redefinição do social no construcionismo? Qual seria a visão social? Qual o lugar da história e da linguagem? Ou se trataria de um construcionismo relacional, como querem alguns autores? (Hosking & Pluut, 2010).

Em relação à definição do self, tido por muitos como central ao empreendimento da psicologia, esse foi um conceito explorado por Gergen em diferentes momentos e obras. De início, questiona o autoconceito como referente a processos internos aos sujeitos (Gergen, 1971). Busca, então, explorar as condições históricas de surgimento dos discursos moderno e romântico sobre o *self* e as características de um self saturado (Gergen, 1991). Ao mesmo tempo, analisa o self como um conjunto de narrativas sobre si sustentadas por si mesmo e pelos outros (Gergen, 1994). Deixa, então, de se referir ao *self* para adotar a perspectiva do ser múltiplo (*multi-being*) e do fluxo relacional (Gergen, 2009, 2021).

Por um lado, a tentativa de ir além do conceito de *self* parece ser a consequência lógica de uma redescrição relacional, ampla e irrestrita dos conceitos em psicologia. Por outro, a afirmação de um ser múltiplo, paradoxalmente, poderia ser interpretada como uma afirmação ontológica, sempre negada nas propostas construcionistas realizadas por Gergen ao longo de sua obra (Gergen, 1994; Rasera & Japur, 2007). Contudo, em Relational being (Gergen, 2009), o debate sobre o *self* se combina com o de agência, com a proposta do autor de substituição de uma análise de causalidade, ou seja, de relações entre entidades distintas, por uma análise de confluência, ou seja, de “[...] uma forma de vida nesse caso que é constituída por um conjunto de ‘entidades’ que se definem mutuamente” (Gergen, 2009, p. 54). Considerando que a “[...] confluência última está para além da descrição” (Gergen, 2009, p. 59), parece que se reestabelece o mutismo ontológico (Gergen, 1994) em outros termos. Ou seja, o entendimento de Gergen sobre a impossibilidade de descrição do real independente da linguagem parece ainda estar presente no desenvolvimento teórico recente do autor. Nesse sentido, o que se transforma entre a afirmação do construcionismo social como ontologicamente mudo e de uma confluência para além da descrição? O relacionamento se manteria como a origem do processo de produção de sentido, mas haveria aí uma redefinição do lugar da linguagem na construção do mundo e das formas de entendê-lo? Afinal, qual construcionismo se constrói a partir do deslocamento do interesse no *self* rumo ao ser múltiplo (*multi-being*) e ao fluxo relacional?

Considerações finais

A análise realizada se deu a partir do recorte de um conjunto de textos muito diversos e ricos, sendo que outras narrativas seriam possíveis dependendo do objetivo de quem as escrevesse. A leitura aqui desenvolvida propõe um certo olhar sobre parte da obra de Kenneth Gergen, ao mesmo tempo que busca iluminar algumas questões que podem surgir no desenvolvimento do projeto construcionista. Ou seja, uma leitura do passado nos convida a pensar sobre o futuro. Afinal, qual construcionismo social tem se construído e qual se quer construir?

Essa pergunta se coloca como estímulo ao pensamento com o potencial de convidar os pesquisadores da área a reconhecerem quais aspectos da obra de Gergen eles utilizam, como eles estão inseridos no conjunto dos textos desse autor, bem como, quais novas conversas querem produzir. Dessa forma, a análise realizada e os questionamentos apresentados nesse texto não buscam produzir uma versão coerente do construcionismo social que levaria a uma definição bem-acabada, final ou imune a críticas. Como afirma Gergen (1994, p. 69), “[...] argumentos construcionistas geralmente militam contra formulações fixas e finais, até mesmo aquelas feitas por eles próprios”. O convite é à reflexão e à expansão do diálogo.

Essa ampliação do diálogo pode ainda ser nutrida por vozes que falem da biografia do autor, do contexto histórico da psicologia social, bem como dos críticos às ideias de Gergen, indo além da leitura interna desenvolvida nesse texto, na qual se privilegiou um debate entre os textos do próprio Gergen. Dessa maneira, esperamos que o estudo realizado mostre a importância e a necessidade de, num sentido estrito, produzir argumentos frente às questões levantadas ao longo da análise, e num sentido amplo, desenvolver outras investigações analítico-conceituais sobre a obra de Gergen, enriquecendo e ampliando a análise aqui realizada.

Referências

- Aceros, J. C. (2012). Social construction and relationalism: a conversation with Kenneth Gergen. *Universitas Psychologica*, 11, 1001-1011.
- Anderson, H., Cooperrider, D., Gergen, K. J., Gergen, M., McNamee, S., Watkins, J., & Whitney, D. (2008). *The appreciative organization*. Taos Institute Publications.
- Burr, V. (1995). *An introduction to social constructionism*. Routledge.
- Dragonas, T., Gergen, K. J., McNamee, S., & Tseliou, E. (2015). *Education as social construction: Contributions to theory, research and practice*. Taos Institute Publications.
- Gergen, K. J. (1969). *The psychology of behavior exchange*. Addison-Wesley.
- Gergen, K. J. (1971). *The concept of self*. Holt, Rinehart & Winston.
- Gergen, K. J. (1973). Social psychology as history. *Journal of Personality and Social Psychology*, 26, 309-320. <https://doi.org/10.1037/h0034436>
- Gergen, K. J. (1978). Toward generative theory. *Journal of Personality and Social Psychology*, 36, 1344-1360. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.36.11.1344>
- Gergen, K. J. (1982). *Toward transformation in social knowledge*. Springer-Verlag.
- Gergen, K. J. (1985). The social constructionist movement in modern psychology. *American Psychologist*, 40, 266-275. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.40.3.266>
- Gergen, K. J. (1991). *The saturated self, dilemmas of identity in contemporary life*. Basic Books.
- Gergen, K. J. (1994). *Reality and relationships, soundings in social construction*. Harvard University Press.
- Gergen, K. J. (1996). Metaphor and monophony in the twentieth-century Psychology of Emotions. In C. Graumann & K. J. Gergen (Eds.), *Historical dimensions of psychological discourse* (pp. 60-82). Cambridge University Press.
- Gergen, K. J. (1999). *An invitation to social construction*. Sage.
- Gergen, K. J. (2006). *Therapeutic realities, collaboration, oppression and relational flow*. Taos Institute Publications.
- Gergen, K. J. (2007). *Construir la realidad: el futuro de la psicoterapia*. Paidos.
- Gergen, K. J. (2009). *Relational being, beyond self and community*. Oxford University Press. (2009)
- Gergen, K. J. (2014). From mirroring to world-making: research as future forming. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 45(3), 287-310. <https://doi.org/10.1111/jtsb.12075>

- Gergen, K. J. (2021). *The relational imperative: resources for a world on edge*. Taos Institute Publications.
- Gergen, K. J., & Back, K. W. (1966). Personal orientations and morale of the aging. In J. McKinney & I. Simpson (Eds.), *Social aspects of aging* (pp. 296-305). Duke University Press.
- Gergen, K. J., & Gill, S. R (2020). *Beyond the tyranny of testing: relational evaluation in education*. Oxford University Press.
- Gergen, K. J., & Gergen, M. (2003). *Social construction, a reader*. Sage.
- Gergen, K. J., & Gergen, M. (2004). *Social construction, entering the dialogue*. Taos Institute Publications.
- Gergen, K. J., & Gergen, M. (2012). *Playing with purpose: adventures in performative social science*. Alta Mira Press
- Guanaes-Lorenzi, C., Moscheta, M. S., Corradi-Webster, C., & Souza, L.V. (2014). *Construcionismo social: discurso, prática e produção do conhecimento*. Instituto Noos.
- Hibberd, F. J. (2005). *Unfolding social constructionism*. Springer.
- Hosking, D., Dachler, H. P., & Gergen, K. J. (1995). *Management and organization: relational alternatives to individualism*. Avebury
- Hosking, D. M., & Pluut B. (2010). (Re)constructing reflexivity: a relational constructionist approach. *The Qualitative Report*, 15(1), 59-75. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2010.1140>
- Ibáñez, T., & Íñiguez, L. (Eds.). (1997). *Critical social psychology*. Sage.
- McNamee, S., & Gergen, K. J. (1991). *Therapy as social construction*. Sage.
- Rasera, E. F., & Japur, M. (2001). Contribuições do pensamento construcionista para o estudo da prática grupal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 201-209. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000100017>
- Rasera, E. F., & Japur, M. (2007). *Grupo como construção social*. Votorantim.
- Rasera, E. F., Vieira Junior, E. N., & Guanaes-Lorenzi, C. (2019). A difusão do construcionismo social no Brasil: análise da produção de teses e dissertações. In: M. A. Grandesso (Org.), *Construcionismo social e práticas colaborativo-dialógicas: contextos de ações transformadoras* (pp. 37-55). CRV.
- Shotter, J., & Lannamann, J. W. (2002). The situation of social constructionism. *Theory and Psychology*, 12, 577-609. <https://doi.org/10.1177/0959354302012005894>
- Slife, B. (2004). Taking practices seriously: toward a relational ontology. *Journal of Theoretical and Philosophical Psychology*, 24, 179-195. <https://doi.org/10.1037/h0091239>
- Spink, M. J. (1999). *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano*. Cortez.
- Taos Institute (n.d.). *Theoretical background and mission statement*. <http://www.taosinstitute.net/theoretical-background>

Recebido em: 26/05/2021

Aprovado em: 17/03/2023

Disponibilidade de dados: O conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio artigo.